

Farlei Roberto Mazzarioli

RA 1136622

Teologia

As luzes sobre o mistério da Santíssima Trindade

Orientador: Prof. Jairo da Mota Bastos

Claretiano – Centro Universitário

Araçatuba

2016

RESUMO

Um mistério é uma realidade que não cabe em palavras, tal como o amor em que é preciso participar para entender. Irmã Lúcia recebeu uma revelação, luzes sobre o mistério da Santíssima Trindade, ou seja, um entendimento racional no pouco que a razão poderia entender sem antes de participar da intimidade de Deus no paraíso. Deseja-se gerar uma reflexão interessante sobre a questão e delimitar o que se é possível conhecer ainda nesse mundo sobre tal mistério. Também é abordado a questão política sobre a cristandade, já que esta visão de Lúcia traz ligada uma advertência à Rússia e seus erros para o mundo inteiro.

Palavras-chave: Mistério, Santíssima Trindade, irmã Lúcia, restauração da cristandade.

INTRODUÇÃO

Um mistério, em teologia, é uma realidade que não cabe em palavras, tal como o amor, é preciso participar para entender. Ao receber uma visão em um convento na cidade espanhola de Tuy, em 1929, irmã Lúcia afirma:

Compreendi que me era mostrado o mistério da Santíssima Trindade e recebi luzes sobre este mistério que não me é permitido revelar.

O que é possível dizer do que não se podia revelar? Deseja-se gerar uma reflexão interessante sobre o “mistério” no que seja possível entender sobre o assunto. Qual a literalidade da luz desse mistério? A tendência em teologia é ver os relatos como alegorias e não se deseja exagerar no simbolismo ao ponto que alguém possa ser católico e ateu ao mesmo tempo. Quais implicações isso gera na história? Seria melhor restaurar da cristandade?

A aparição de Fátima, em toda a sua complexidade, é um apelo para as pessoas voltarem para Deus em oração e penitência. O significado de penitência é a correção da fraqueza que leva ao pecado, fortalecendo o coração, ou seja, o íntimo do ser tanto psicologicamente quanto espiritualmente, e neste último entende-se de forma sobrenatural. Deseja-se uma direção firme no aspecto sobrenatural aqui com a literalidade que lhe seja verdadeira.

No primeiro dos quatro capítulos, “Luzes do mistério” explica o que é um mistério e a visão de irmã Lúcia sobre o mistério da Santíssima Trindade; no segundo capítulo, “O mistério e a cristandade” é analisado a referência ao rei da França e aos males da Rússia como o afastamento de Deus na laicidade do Estado; no terceiro, “A luz no coração e o mistério” é analisado o “lume” sentido por Lúcia e seus primos e contextualizado com passagens bíblicas; no quarto, “A cruz de luz na visão de Lúcia” trata-se da ação salvadora de Jesus que, com sua morte de cruz, nos leva para o íntimo do mistério.

1. LUZES DO MISTÉRIO

Irmã Lúcia teve um vislumbre do mistério da Santíssima Trindade, mas o véu do além não foi removido porque para isso ela deveria ser bem-aventurada (CIC, n. 1028), ou seja, aceita dentro do paraíso depois de sua morte, em 13/05/2005. As luzes (razão) que ela recebeu sobre o mistério só pode ter sido um entendimento limitado do que seria possível dizer em linguagem racional de uma realidade que não cabe em palavras.

Por exemplo, o amor é algo que não cabe em palavras, é preciso ser amado e amar para entender o que é o amor, e este não é uma coisa guardada dentro do indivíduo e sim o contrário, é o indivíduo que participa dessa realidade. A graça e a misericórdia de acolher a nós, míseros pecadores, na intimidade de Deus, constituintes da família celeste, a pátria celeste, ou seja, uma altíssima vocação, cujo valor e honra ultrapassa toda a imaginação humana.

O Catecismo da Igreja Católica (CIC) explica sobre o mistério (n. 42):

Deus transcende a toda criatura. Por isso é preciso incessantemente purificar nossa linguagem daquilo que possui de limitado, de proveniente de pura imaginação, de imperfeito, para não confundirmos o Deus “inefável, incompreensível, invisível, inatingível” com as nossas representações humanas. Nossas palavras humanas permanecem sempre aquém do Mistério de Deus

A revelação, luzes do mistério da Santíssima Trindade, ocorreu no convento de Tuy, na Espanha, em 13/06/1929. Até o presente momento é a única revelação sobre o mistério da Santíssima Trindade conhecida, publicamente, pela humanidade na história. Qual a sua importância dentro da história? Qual sua implicação política?

Luís Kondor (2011, p. 195-196) apresenta a narração da irmã Lúcia:

Eu tinha pedido e obtido a licença das minhas Superiores e Confessor para fazer a Hora-Santa das 11 à meia-noite, de quintas para sextas-feiras. Estando uma noite só, ajoei-me entre a balaustrada, no meio da capela, a rezar, prostrada, as Orações do Anjo. Sentindo-me cansada, ergui-me e continuei a rezá-las com os braços em cruz. A única luz era a da lâmpada. De repente iluminou-se toda a Capela com uma luz sobrenatural e sobre o Altar apareceu uma Cruz de luz que chegava até o teto. Em uma luz mais clara via-se, na parte superior da cruz, uma face de homem com corpo até à cintura, sobre o peito uma pomba também de luz e, pregado na cruz, o corpo de outro homem. Um pouco abaixo da cintura, suspenso no ar, via-se um cálice e uma hóstia grande, sobre a qual caíam algumas gotas de sangue que corriam pelas faces do Crucificado e duma ferida do peito. Escorrendo pela Hóstia, essas gotas caíam dentro do Cálice. Sob o braço direito da cruz estava Nossa Senhora (“era Nossa Senhora de Fátima com o Seu Imaculado Coração... na mão esquerda, ... sem espada, nem rosas, mas com uma Coroa de espinhos e chamas...”), com o Seu Imaculado Coração na mão... Sob o braço esquerdo, umas letras grandes, como se fossem de água cristalina que corresse para cima do Altar, formavam palavras: “Graça e Misericórdia”.

Compreendi que me era mostrado o mistério da Santíssima Trindade e recebi luzes sobre este mistério que não me é permitido revelar.

Depois Nossa Senhora disse-me:

- É chegado o momento em que Deus pede para o Santo Padre fazer, em união com todos os Bispos do Mundo, a Consagração da Rússia ao Meu Imaculado Coração, prometendo salvá-la por este meio. São tantas as almas que a Justiça de Deus condena por pecados contra Mim cometidos que venho pedir reparação sacrifica-te por esta intenção e ora.

Dei conta disto ao Confessor que me mandou escrever o que Nossa Senhora queria se fizesse. Mas tarde, por meio duma comunicação íntima, Nossa Senhora disse-me, queixando-se:

- Não quiseram atender ao Meu pedido!... Como o rei da França [Luís XVI, 1689, que foi avisado por Santa Margarida Maria], arrepende-se e fá-la-ão, mas será tarde. A Rússia [comunista] terá já espalhado os seus erros [doutrina marxista] pelo mundo, provocando guerras, perseguições à igreja: O Santo Padre terá muito que sofrer.

O Santo Padre que muito sofreu foi João Paulo II no atentado na Praça de São Pedro em 13/05/1981 e foi promovido em 02/04/2005 para a pátria celeste. Uma experiência com o Deus que se faz presente na história de seu povo obviamente terá implicações ao longo dessa mesma história, porque Deus está moralmente interessado.

2. O MISTÉRIO E A CRISTANDADE

Qual interpretação política que se tira da última parte da revelação em 1929 em Tuy? Os males da Rússia é o socialismo-comunismo, ou seja, o marxismo que na sua essência é um anticristianismo porque promete um paraíso na terra ao invés do além, o Estado máximo assume o lugar de Deus, e não espera a hora, faz acontecer o julgamento com campos de concentração e fuzilamentos que mataram 100 milhões de pessoas ao longo do século XX.

O marxismo cultural ataca tanto a religião e a família tradicional que é impossível não perceber que o Diabo tenha terceirizado parte do satanismo com “idiotas úteis” que trabalham para ele de graça na Rebelião por não acreditarem na existência do sobrenatural. A infiltração de tais erros se deve muito ao comunista italiano Antônio Gramsci, ao socialista Paulo Freire e a vários outros muito cultuados nos meios acadêmicos.

Mas qual a ligação entre o rei da França e os males da Rússia? No parágrafo representam a continuação do mesmo raciocínio, e não era de se imaginar algo diferente porque o iluminismo que matou o rei da França e o marxismo que matou os Czares na Rússia são antirre-

ligiosos, de modo especial anticristão, especialmente o último. Isto se apresenta no Estado laico defendido por eles? Haveria algo de maligno em defender a liberdade religiosa e a não preferência do Estado para alguma religião específica?

Em viril tom de cristandade, o príncipe Dom Bertrand de Orleans e Bragança, em uma palestra sobre a importância de Fátima (2016), reprova o Estado laico, afirmando que este é condenado pelos papas, e que, ao se tirar Deus do panorama o Estado ocupa o lugar de Deus. O príncipe descendente de Dom Pedro II, católico e advogado, afirma que “não se pode aceitar o princípio da laicidade” por não ser “esta é a doutrina da Igreja”.

Dom Bertrand (2016) cita o papa Pio IX:

Não neguem, pois, os governantes dos Estados o devido culto de veneração e obediência ao poder de Cristo, tanto pessoal como publicamente, se quiserem conservar incólume a sua autoridade e manter a grandeza da pátria e a realiza de Cristo exige que o Estado se ajuste aos princípios cristãos no trabalho legislativo, na administração da justiça e, finalmente, na formação das almas juvenis na sã doutrina e na retidão dos costumes.

E continua o príncipe sobre o que se vê atualmente na laicidade:

Exatamente uma sociedade que se voltou contra Deus. Por que? Porque nega a existência de Deus. Muitos não a negam explicitamente, mas na simples afirmação de que o Estado tem que “legislar para todos” igualmente sem manifestar preferência para nenhuma religião, nisso está a negação do Criador. Nós somos radicalmente contra o Estado laico, contra a laicidade do Estado.

O pecado é se afastar de Deus, que é o sumo bem, e a laicidade do Estado é um afastar de Deus em nome de uma pretensa liberdade, mais provavelmente libertinagem porque não se interessa pela verdade, dando prioridade à vontade. Um Estado laico não é antirreligioso, a não ser que este se degenere no laicismo. Entretanto, isto realmente funciona? É aceitável aos olhos de Deus? A mensagem de Fátima mostra a ofensa à Deus em um contexto de dissolução da cristandade poucos depois da morte do rei Carlos e do príncipe herdeiro Luís Felipe pelos republicanos em 1908 e já na República proclamada em 1910, que perseguia a fé católica.

Nesse contexto o anjo ensina à Lúcia e seus primos a dizer (KONDOR, 2011, p. 79):

Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, (*adoro-Vos profundamente e*) ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.

A cristandade foi a aliança entre a Igreja e os Estados, que ao longo da história apresentou sucessos e fracassos, mas nesse contexto a moral cristã, o direito romano e a filosofia grega edificaram aquilo que nós conhecemos como Civilização Ocidental. Mas qual a relação de uma civilização teria com o mistério da Santíssima Trindade?

O conceito de pátria, refere-se à “pai”, e a grosso modo, encontramos em Deus Pai o nosso Estado máximo, pois a Casa do Pai é a nossa Pátria Celeste. O amor acolhedor do Pai é um referencial (CIC, n. 2779) ao conceito de pátria aplicável quando Paulo diz que “há *um só* Deus e Pai de todos, que está acima de todos, que age por meio de todos e está presente em todos” (Ef 4,6). Isso, enquanto Jesus, em sua natureza divina, pode dizer: “Não que alguém já tenha visto o Pai. O único que viu o Pai é aquele que vem de Deus” (Jo 6,46), porque o Cristo é aquele que é gerado (vem) do Pai e diz “Quem me vê, vê também aquele que me enviou” (Jo 12,45). Jesus nos leva à pátria celeste, no íntimo familiar de Deus, e diz: “Desde agora vocês o conhecem e já o viram” (Jo 14,7). É na condição de família, amor e unidade que Jesus diz: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30) e “o Pai é maior do que eu” (Jo 14,28).

Sobre o mistério ser fonte de luz, que é graça e misericórdia que reconcilia e une:

O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. É o mistério de Deus em si mesmo. É, portanto, a fonte de todos os outros mistérios da fé, é a luz que os ilumina. É o ensinamento mais fundamental e essencial na “hierarquia das verdades da fé”. “Toda a história da salvação não é senão a história da via e dos meios pelos quais Deus verdadeiro e único, Pai, Filho e Espírito Santo, se revela, reconcilia consigo e une a si os homens que se afastam do pecado” (CIC, n. 234).

Jesus Cristo é o auge da revelação divina, “no entanto, apesar de a Revelação ter acabado [na vinda de Cristo ao mundo], não quer dizer que esteja completamente explicitada. Está reservado à fé cristã apreender gradualmente todo o seu alcance no decorrer dos séculos” (CIC, n. 66). A fé católica entende que nunca faltou à Igreja o necessário para a salvação ao longo da história, mas na mesma história nunca foi dado tudo o que era do agrado para saciar a curiosidade humana de forma libertina.

Disse Nossa Senhora à Lúcia e seu primos (KONDOR, 2011, p. 121-122):

Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração. Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar. Mas, se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra pior. Quando virdes uma noite, alumiada por uma luz desconhecida, sabei que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre. Para a impedir, virei pedir a consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora dos primeiros sábados. Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja; os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas, por fim o Meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-Me-á a Rússia, que se converterá, e será concedido ao mundo algum tempo de paz.

Lúcia aceitou que a aurora boreal de 25-26/01/1938, de proporções extraordinárias, seja a luz de aviso, mesmo que a 2ª Guerra Mundial seja declarada de 1939 a 1945, os conflitos começaram em 1938. Ela também considera que a consagração da Rússia em 25/03/1984 foi

totalmente válida. Houve algum tempo de paz. Já acabou esse tempo? O comunismo que parecia estar morto no final do século XX está se levantando do túmulo nesse início do século XXI e a mensagem de Fátima está completamente atual.

3. A LUZ NO CORAÇÃO E O MISTÉRIO

Em 1917, em Fátima, houve relato de uma luz (lume) no coração, um fogo que não queimava. Por exemplo, na compilação de Kondor (2011), em um momento de fervorosa oração disse Jacinta: “Gosto tanto de dizer a Jesus que O amo! Quando Lh’o digo muitas vezes, parece que tenho lume no peito, mas não me queimo” (p. 56). É uma expressão literal ou uma linguagem simbólica? Se literal, seria um efeito biológico ou sobrenatural? Se sobrenatural, o que poderia isto ter a ver com o mistério da Santíssima Trindade?

Na mesma compilação Jacinta, prima de Lúcia, também diz: “Se eu pudesse meter no coração de toda a gente o lume que tenho cá dentro no peito a queimar-me e fazer-me gostar tanto do Coração de Jesus e do Coração de Maria!” (p. 130). E seu irmão Francisco: “Gostei mais foi de ver a Nosso Senhor, naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito” (p. 141), e em outro momento: “Nós estávamos a arder, naquela luz que é Deus, e não nos queimávamos. Como é Deus!!! Não se pode dizer! Isto sim, que gente nunca pode dizer! Mas que pena Ele estar tão triste! Se eu O pudesse consolar!...” (p. 145).

Sobre a hipótese de ser algo sobrenatural associado ao mistério da Santíssima Trindade a fala de Lúcia é explicação: “O que mais o impressionava ou absorvia era Deus, a Santíssima Trindade, nessa luz imensa que nos penetrava no mais íntimo da alma” (p. 145). Aquelas crianças pobres e sem estudo não eram versadas nas sutilezas da linguagem simbólica, de forma que a explicação mais simples seja de um relato literal, no corpo e na alma. Lúcia ainda descreve que quando Nossa Senhora “abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos” e caíram de joelhos em adoração à Santíssima Trindade (p. 174) e em outro dia Lúcia também narra: “Pela segunda vez, o reflexo dessa luz imensa. Nela nos víamos como que submergidos em Deus” (p. 175).

Nesta luz obviamente há presença de Deus e como o mal é a ausência do sumo bem, que é Deus, a presença de um ser maligno tentaria afastar dessa luz? O primo de Lúcia, Fran-

cisco, relata uma visão: “Era um daqueles bichos grandes, que estavam no inferno, que estava aqui a deitar lume” (p. 157). O que seria “deitar lume”? Provavelmente “derrubar a luz”, e assim extinguir o calor na alma gerado pela sensação da presença de Deus porque o demônio quer apagar o amor e semelhança de Deus nas pessoas.

Entretanto, Paulo diz que Deus “habita uma luz inacessível, que nenhum homem viu, nem pode ver” (1Tm 6,16) e também explica que “ver o que se espera, não é esperar. Acaso alguém espera o que já se vê? E se esperamos o que não vemos, é na espera que o aguardamos” (Rm 8,24-25), porque “enquanto habitamos neste corpo, estamos fora de nossa mansão, longe do Senhor, pois caminhamos pela fé, e não pela visão” (2Cor 5,6-7).

A experiência de Lúcia e seus dois primos, Jacinta e Francisco, não era a visão plena de Deus porque ainda não haviam passado pelo julgamento e sido aceitos no céu, onde Deus é tudo em todos (1 Cor 15,28). Da mesma forma que Jesus Cristo é o Filho de Deus (Jo 20,31) e nós já somos filhos de Deus (Jo 1,12; 1Jo 3,1) ao participarmos na medida do possível ainda neste mundo da filiação divina na unidade à Cristo, cabeça do Corpo que é a Igreja (Ef 5,23). Portanto, eles receberam uma “amostra grátis”.

O que seria essa luz? Há outras referências bíblicas? Durante uma cura, a pessoa relata que uma “força saiu” de Jesus (Mc 5,30; Lc 6,19; 8,46), a mesma força (lume) que recebem do Senhor (Jo 12,38; At 1,8). Algo parecido é o fogo (lume) presente no Batismo (Lc 3,16) e quando Jesus diz: “Eu vim para lançar fogo sobre a Terra e como gostaria que ele já estivesse aceso!” (Lc 12,49), mencionando que também seria batizado.

A experiência de Lúcia e seus dois primos aponta para a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre uma interpretação mais literal dessas passagens. Devendo-se exaltar a harmonia entre fé e razão, ou seja, entre sabedoria e conhecimento, porque “a sabedoria é o conhecimento intelectual das realidades eternas; e a ciência, o conhecimento racional das coisas temporais. E a primeira, sem dúvida, tem a preferência” (AGOSTINHO, 2008, p. 392).

Uma visão sobrenatural ocorre de três formas: exterior, interior e intelectual. A visão exterior é com os olhos e pode ser vista por várias pessoas, a visão interior é com a mente que gera a imagem e/ou sons no cérebro, ou seja, não passa pelos olhos e ouvidos, é como que em um sonho, mas acordado, e a visão intelectual corresponde à mística mais profunda, pois nesta a pessoa recebe diretamente o entendimento, sua inteligência é movida pela mão de Deus.

Na visão de Lúcia em Tuy, 1929, ela teve uma visão interior da Cruz, com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, depois uma visão intelectual onde recebeu luzes que não podia dizer. O

fato de não poder “revelar”, significa “dizer”, obviamente se tratando de um pouco, de algo intelectível sobre um todo que não cabe no intelecto. E o fogo no coração, o lume e as visões?

Santo Agostinho (2008, p. 82-83) explica:

A visão profética [visão interior e/ou intelectual] não se mostra aos olhos corporais mediante formas corpóreas, mas se mostra ao espírito, por meio de imagens espirituais de seres corpóreos [visão interior].

Todos os que viram a pomba [no batismo de Cristo] e o fogo [no Pentecostes] viram-nos com seus olhos [visão exterior], ainda que, a respeito do fogo, se possa discutir se foi visto pelos olhos ou pelo espírito [visão interior ou exterior], tendo em conta as palavras empregadas. Não está escrito: “Viram línguas divididas como de fogo”, mas: *pareceram-lhes*. Não tem o mesmo significado: “pareceu-me” e “vi”. Nessas visões espirituais de imagens corpóreas, costuma-se dizer: “pareceu-me a mim e vi”; porém, nas manifestas por figuras corpóreas percebidas pelos olhos, não se costuma dizer: “pareceu-me a mim”, mas simplesmente: “vi”. Pode haver discussão sobre como foi visto aquele fogo: se com o olhar interior no espírito, ou se com os olhos corporais. Com relação à pomba, como está escrito, desceu em figura corporal; e ninguém duvida que tenha sido vista com os olhos [visão exterior].

A interpretação de Agostinho, doutor da Igreja, contribui para um entendimento mais literal e menos alegórico sobre o lume descrito por Lúcia, Jacinta e Francisco. A manifestação do Espírito Santo, de forma corpórea, no batismo de Cristo mostra uma luz física como uma forma que lembrasse uma pomba em sintonia com a experiência de Fátima. Seria o lume no peito tão físico quanto o Espírito Santo que apareceu de forma corpórea no batismo de Jesus?

4. A CRUZ DE LUZ NA VISÃO DE LÚCIA

Na visão de Lúcia sobre o mistério da Santíssima Trindade, em Tuy, 1929, havia uma Cruz de luz do altar até o teto. A humanidade foi salva pelo sacrifício de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que morreu na Cruz, e sob sua graça e misericórdia nos uniu a si através do Espírito e assim nos leva ao Pai. Jesus é “Médico. É o que significa em hebraico: Jesus. Em grego: ‘Sóter’. E em nosso idioma: ‘Salvador’” (AGOSTINHO, 2008, p. 415). Um médico que cura do pecado ao qual o Diabo influenciou, levando luz às trevas.

Nisso Agostinho explica (2008, p. 163):

Esta é a verdadeira paz e para nós indestrutível união com o nosso Criador, uma vez purificados e reconciliados pelo Mediador da vida. Assim como, maculados e desunidos nós nos afastamos dele pelo mediador da morte. Com efeito, assim como o soberbo demônio levou à morte o homem soberbo, assim Cristo humilde reconduziu à vida o homem obediente. Do mesmo modo como o demônio por seu orgulho caiu e levou consigo na queda a quem deu ouvidos, assim Cristo humilhado ressurgiu e ergueu o que nele depositou fé.

A obediência de Cristo é ensinamento contra a cobiça, que leva à morte e é tão saborosa quanto o queijo da ratoeira. A grande lição desse mundo deveria ser superar o egoísmo para conhecer a profundidade do amor para qual Deus nos criou, entretanto isto é difícil e nem todos, em pleno uso do livre-arbítrio, decidem em enfrentar sofrimentos pelos outros, de ser capaz de amar quando dói para resgatar do erro quem não merece o amor.

Como se diz, “justiça é dar a cada um o que é seu” e também, “é justo ficar sob o jugo de quem se decidiu seguir”. Luz para quem iluminar? É preciso aceitar a luz para ser aceito nela? Para que o homem possa ser salvo é justo que este siga a Deus, mesmo no sofrimento, aprendendo o que deve aprender sobre o amor porque “Deus é amor: Quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele” (1Jo 4,16).

Entretanto, no pecado o homem decidiu se afastar de Deus seguindo o Diabo. Preferiu as trevas à luz, afastando-se da verdade. Colocar a vontade em prioridade à verdade, essa é a ilusão de poder desejado pelo homem? Liberdade é diferente de libertinagem. O poder é mais desejável ao soberbo do que o amor, já que o poder de resgatar o irmão perdido não é o mais interessante. Não quis o Diabo ver a luz da razão sobre: “Quanto ao poder, porém, deve ele seguir a justiça, e não a preceder” (AGOSTINHO, 2008, p. 419).

O demônio, por sua perversidade, tornou-se amante do poder, desertor e impugnador da justiça, os homens por sua vez o imitam quando, desprezando ou mesmo odiando a justiça, anseiam pelo poder, alegram-se com sua posse e se inflamam pelo desejo de possuí-lo. Por isso, aprouve a Deus que o demônio fosse vencido não pelo poder, mas pela justiça, ao libertar o homem do jugo do demônio. Assim os homens, imitando a Cristo, empenhem-se em vencer o inimigo satânico pela justiça, não pelo poder. (AGOSTINHO, 2008, p. 418).

O Diabo, muito esperto, foi vencido por Deus em esperteza? Sim. “O demônio vencido, quando parecia vender”, já que “aquele que não tinha pecados e pelo demônio foi conduzido imerecidamente à morte” (AGOSTINHO, 2008, p. 422 e 425). Aquele que não tinha pecado foi levado junto aos pecadores no cativo da morte, e tal como o pecado contamina os fracos, o forte (Cristo) contaminou, ou melhor, o Médico curou os doentes lá aprisionados.

Santo Agostinho explica o resgate das almas:

Aquele que venceu o demônio levou cativo o cativo. E para que não levasse consigo para o suplício eterno os que haviam de ser os futuros membros da santa Cabeça, primeiramente atou o demônio com os laços de sua justiça e depois com os de seu poder (2008, p. 531).

É justo que os, homens, esses merecedores da morte, e que ele mantinha em seu poder, ficassem livres pela fé naquele a quem ele matou sem ter merecido a morte. Isso é o que consideramos ser “justificados o pelo sangue de Cristo” (Rm 5,9). (2008, p. 420).

O verdadeiro poder foi usado na verdadeira justiça, uma justiça de graça e misericórdia que salva, que mostra um amor que vence a morte e morte de cruz. Aliás, quando pregado

na Cruz, Jesus não disse estar se sentindo realizado, contente ou feliz, e sim pediu pela salvação de quem não sabia o que estava fazendo (Jo 11,53; 12,10; Lc 23,34). Um evento literal, tal como a ressurreição de Cristo (1Cor 15,12-14).

Santo Agostinho ensinou que, se Deus permite o mal, é porque pode tirar algo de bom disso, assim é de se pensar o porquê Ele permitiu a Rebelião. Óbvio, porque podia tirar algo de bom disso. O pecado é se afastar de Deus, uma consequência do livre-arbítrio, porque seria impossível Deus nos amar completamente se não nos tivesse criado completamente livres. Então Deus salvará mais almas em longo prazo com a Rebelião do que se ela nunca tivesse ocorrido, vencendo o Diabo em matéria de esperteza e esfregando isso na cara dele. Da morte Deus tirou vida, o plano do Diabo teve o efeito reverso.

Mesmo com morte, e morte de cruz, Jesus nos ensinou que existe um amor maior e nos chama para esse amor maior. O Diabo duvidou que Jesus seria fiel até esse ponto? Provavelmente sim e sua arrogância foi esfregada no chão diante da Cruz. Sua inteligência não era nada, sua esperteza uma vergonha. Tal como dos outros demônios que o seguiram, nunca passaram de “idiotas úteis” para o próprio Diabo, manipulados e enganados pelo líder deles. Mas na arrogância deles, eles conseguem admitir isso para si mesmos?

O poder era uma ilusão, a questão não era a força bruta e sim a força do amor, uma luz que nos incorpora à família celeste, daí a justiça de dar a cada um aquele que é seu e assim dar a pessoa aquilo a quem a pessoa pertence porque “Deus é luz e nele não há trevas” (1Jo 1,5).

CONCLUSÃO

Refletir sobre um mistério que está além da capacidade de reflexão é mais viável do que se aparenta à primeira vista. Uma vez compreendido o limite da própria reflexão e aceito sua natureza uma porta é aberta para o nosso futuro. O mistério é uma surpresa, mesmo no que a mente possa contemplar, e mostra, sem sombra de dúvida, uma altíssima realidade de amor a qual somos chamados a participar, realizando-se assim o motivo de termos sido criados a imagem e semelhança de Deus.

A literalidade ou não de algumas passagens bíblicas comparadas com as experiências modernas em Fátima faz rodopiar o entendimento atual, mesmo se completando um século, de que o entendimento entre ciência e religião ainda é um bebê. O lume sentido por Lúcia e seus primos muito provavelmente seja algo literal, e talvez, até conhecido por muitos que não ousem manifestar sua literalidade com medo de serem vistos como mentirosos ou loucos.

Defender a restauração da cristandade poderia soar atualmente tão absurdo quanto se a virgindade de Maria fosse anunciada apenas nesses dias. Os primeiros cristãos tiveram coragem de dizer que a concepção de Jesus Cristo foi algo sobrenatural. Entretanto, atualmente os católicos se distanciam da política e os próprios sacerdotes são envenenados pelo laicismo em suas próprias universidades pelo quase onipresente marxismo cultural.

As luzes sobre o mistério da Santíssima Trindade mostram uma família, mostram o imenso amor de Deus para com os homens individualmente e em sociedade, clamando para não sucumbirem ao sofrimento da cruz desse mundo que se afasta de Deus. É um chamado para voltarem para Deus individualmente e em sociedade, denunciando os males do laicismo e espera que se acendam os corações no seu amor, como um todo.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. 4ª Edição. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CIC). Edição Típica Vaticana. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

KONDOR, Luís (Compilador). *Memórias da Irmã Lúcia*. 15ª Edição. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2011.

ORLEANS E BRAGANÇA, Príncipe Dom Bertrand. *A Importância de Fátima e a Gravidade dos dias Atuais* (31/05/2015). Disponível em <<https://youtu.be/hej8UMbxFNs>> e acessado em 09/10/2016.